

PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM-TREINAMENTO DE HANDEBOL PARA A CATEGORIA MIRIM EM INSTITUIÇÕES NÃO-FORMAIS DE ENSINO: CONCEPÇÕES E METODOLOGIAS

Rafael Pombo Menezes, *Centro Unversitário Nossa Senhora do Patrocínio - Itu, São Paulo - Brasil*

Maria Suélia dos Santos Sousa, *Centro Unversitário Nossa Senhora do Patrocínio - Itu, São Paulo - Brasil*

José Werley Carvalho Braga, *Centro Unversitário Nossa Senhora do Patrocínio - Itu, São Paulo - Brasil*

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apresentar o problema da iniciação ao handebol considerando diferentes perspectivas, principalmente às relacionadas com as metodologias de ensino dos Jogos Coletivos Esportivizados (JCE's) que podem ser aplicadas à categoria mirim (sub-12). Os JCE's diferenciam-se pelo grau de complexidade alcançado pela interação dos seus diversos fatores durante o jogo. É necessária, então, uma abordagem que aponte para as principais características relacionadas ao crescimento e desenvolvimento nessa faixa etária, e que esteja integrada com objetivos que devem estar relacionados à iniciação esportiva, considerando o processo de não-especialização precoce e a complexidade do fenômeno esportivo no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. Entendemos, ainda, que o caráter lúdico e a variabilidade de estímulos devem estar presentes nesse processo, permeando a dinâmica do jogo de handebol nas diferentes fases do jogo.

Palavras-Chave: Educação Física; Pedagogia; Esporte; Handebol.

THE TEACHING-LEARNING-TRAINING PROCESS OF HANDBALL FOR U-12 CATEGORY IN NON-FORMAL EDUCATION: CONCEPTIONS AND METHODOLOGIES

ABSTRACT

The aim of this work is to present the problem of handball initiation considering different perspectives, especially those related to the teaching methodologies of team sports that can be applied to the u-12 category. Team sports are differentiated by the complexity degree achieved by the interaction of its various factors during the game. It is necessary, then, an approach that points to the main features related to growth and development in this category, and that is integrated with objectives related to sports initiation, considering the process of non-early specialization and complexity of the sport in teaching-learning-training. We also understand that the playful nature and variability of stimuli must be present in this process, permeating the dynamics of handball game in the different game phases.

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 9, n. 2, p. 49-69, maio/ago. 2011.
ISSN: 1983-9030.

Key-Words: Physical Education; Pedagogy; Sport; Handball.

INTRODUÇÃO

A concepção do ensino dos Jogos Coletivos Esportivizados (JCE's, segundo REIS,¹ ou Jogos Desportivos Coletivos – JDC's –, na concepção de GARGANTA; OLIVEIRA,² ou ainda Jogos Esportivos Coletivos – JEC's –, para GRECO,³ MOURA et al.),⁴ inicia-se com algumas particularidades pertinentes, uma vez que não se trata apenas da programação de máquinas para a realização de operações simples ou complexas. Trata-se, de forma simplista, de fazer com que a convivência entre um número limitado de jogadores seja feita da forma mais harmônica possível, principalmente com relação às questões sócio-afetivas e da compreensão e transformação das situações de jogo por esses jogadores. Neste artigo referir-nos-emos ao handebol como um Jogo Coletivo Esportivizado, conforme sugerido por Reis¹ e Menezes.⁵

Ao nos remetermos às suas características, torna-se imprescindível mencionar as inúmeras situações de interação entre os jogadores, desde o ponto de vista tático até o de sociabilização dos mesmos. Garganta⁶ cita que a prática corretamente orientada dos esportes coletivos “induz o desenvolvimento de competências em vários planos, de entre os quais nos permitamos salientar o tático-cognitivo, o técnico e o sócio-afetivo”. Este é um fator importante e deve ser priorizado desde o primeiro contato das crianças ou adolescentes com qualquer JCE, para que esse seja prazeroso e que haja continuidade do processo de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT, tríade citada por GRECO; BENDA).⁷

Dessa forma, os JCE's e as atividades que os envolvem, agregam algumas problemáticas que merecem destaque:

- a) a necessidade de cooperação entre os indivíduos de uma equipe para transpassar as barreiras impostas pelos elementos da equipe adversária;
- b) a necessidade de constantes adaptações às situações impostas pelo jogo;⁶
- c) com base no cenário técnico-tático configurado, há a necessidade de o jogador, com ou sem a bola, selecionar a melhor técnica a ser empregada (ou o “como fazer”) na resolução das tarefas impostas.

A relação entre os jogadores, seja de uma mesma equipe ou de equipes adversárias, sofre influências diretas do caráter imprevisível do jogo, por se referenciar em um sistema de funcionamento complexo, seja esse de iniciantes ou de jogadores altamente especializados. Esse sistema tem características complexas devido à interdependência entre os parâmetros invariáveis do jogo (representadas por BAYER,⁸ como as dimensões da quadra, a duração do jogo, o tamanho e o peso da bola, os árbitros e as regras) e a concepção que os jogadores têm das situações que lhes são impostas. Sendo assim, as características que constituem o processo de EAT devem ser diferenciadas entre os iniciantes e os já iniciados, baseando-se primariamente no fator relacionado às experiências prévias e à complexidade do jogo a ser jogado.

Esta pesquisa tem como objetivos:

- a) fazer uma reflexão crítica da concepção e das características da iniciação esportiva e das metodologias de EAT;
- b) apontar as principais características da categoria mirim (11-12 anos) do handebol e associar os conceitos de EAT.

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 9, n. 2, p. 49-69, maio/ago. 2011.
ISSN: 1983-9030.

A INICIAÇÃO ESPORTIVA COMO PONTO DE PARTIDA

Partindo-se do pressuposto de que o “treinamento de base é fundamental para toda forma de rendimento do jogo de handebol”⁹ (p. 5) consideramos que, independentemente do objetivo pelo qual o jogador o pratica, seja como uma forma de lazer, por questões de integração social ou mesmo buscando atingir altos níveis de rendimento, o treinamento de base é a ferramenta primordial para tais desenvolvimentos. Corroborando com essa idéia, Román¹⁰ (p.15) afirma que o trabalho de iniciação ao handebol deve levar em consideração “as necessidades que o jogador terá para o desenvolvimento do mesmo”, o que sugere o complemento de Né et al.,¹¹ que destacam a importância da diversidade nas formações iniciais.

Entendemos aqui, ainda com vistas à idéia supracitada de Roman,¹⁰ de que o desenvolvimento ao qual esse se refere não está relacionado somente à aquisição e ao refinamento de habilidades motoras, mas às capacidades cognitivas, sócio-afetivas e psicológicas daquele que joga.

A busca iniciada pelos técnicos pela melhoria das capacidades de todos os jogadores envolvidos nos processos de EAT, principalmente nas etapas de formação, deve contemplar, segundo Greco,¹² três capacidades: a de percepção, a de antecipação e a de tomada de decisão, sendo esta última a concretização da ação planejada nas duas fases anteriores. Outro importante fator a ser considerado é a busca pela descentralização da visão dos jogadores em relação à bola,⁸ que é um dos fatores caracterizadores de um jogo de fraco nível tático.⁶

O desenvolvimento dessas capacidades deve ser contemplado pelo professor/técnico durante todas as fases do processo de EAT de seus jogadores ao longo do tempo, considerando os níveis de aprendizagem e assimilação dos conteúdos desde a iniciação por estes. Assim sendo, Ehret et al.⁸ caracteriza a faixa etária envolvida nesta pesquisa (até os 12 anos de idade) como componente do período de formação básica, que é sucedido pelas etapas de treinamento básico (13-14 anos, ou categoria infantil) e treinamento de formação (15-16 anos, ou categoria cadete). As demais categorias que compõem o handebol, de acordo com o Regulamento da Federação Paulista de Handebol e da Confederação Brasileira de Handebol,⁵ são:

- a) Juvenil: 17-18 anos;
- b) Júnior: no gênero masculino com idades entre 19 e 21 anos, e no feminino com idades de 19 e 20 anos;
- c) Adulta: acima de 18 anos.

Quando nos recorremos à iniciação esportiva, muitas vezes devido à concepção sobre o termo iniciação, nos deparamos com o problema da especialização precoce de determinados jogadores em virtude de técnicos que almejam obter resultados instantâneos. Essa constante busca faz com que determinadas etapas da formação do jogador sejam perdidas ou, na pior das situações, sejam desconhecidas por esses técnicos, ou como afirmam Lasierra et al.¹³:

Não podemos pretender de forma simultânea, e menos por causa de uma busca de resultados a curto prazo, que um jogador em formação, em fase de conhecimento de suas possibilidades individuais de atuação, (elementos

técnicos e táticos individuais), deva submeter-se/resignar-se a ser uma peça a mais da engrenagem de um sistema de jogo fechado (p. 19).

Ao encontro da afirmação supracitada, apoiaremos-nos em Santana¹⁴ que aponta algumas deficiências no desprezo das propostas pedagógicas, tais como a busca de futuros atletas baseado em um modelo ideal, o apelo à especialização precoce, à composição de equipes competitivas nas etapas de formação e o fator relacionado à reprodução de modelos competitivos, crítica apontada pelo teor desta pesquisa.

O JOGO NA CATEGORIA MIRIM

Antes de caracterizar a categoria mirim, que agrega crianças de 11 e 12 anos, são necessários alguns esclarecimentos, decorrentes da leitura de diferentes linhas de pesquisa, tais como a Pedagogia do Esporte, a Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos ou mesmo a literatura específica do handebol. Tais questionamentos são inerentes, principalmente, à concepção que temos do ensino do handebol para crianças, como “o que pretendemos ensinar aos nossos jogadores?”, “o que os nossos jogadores esperam aprender?”, ou mesmo “a concepção que tenho da iniciação à modalidade se refere ao mesmo jogo que é jogado pelos adultos?”.

Sabemos, então, que no contexto atual da cultura esportiva, os JCE's apresentam múltiplas formas de manifestação, não sendo apenas “um espetáculo esportivo, mas também um meio de educação física e desportiva e um caminho para a aplicação da ciência”¹⁵ (p.20), embora por vezes haja a busca pela espetacularização já nas categorias mais jovens.

Consideraremos, então, a categoria mirim como o primeiro nível de desenvolvimento do jogador, constituindo uma etapa de formação básica ou, segundo Anton,¹⁶ (p.57), uma etapa de “iniciação e aprendizagem global básica”.

Mas não é pelo fato de se tratar da primeira etapa da formação básica que os jogadores devem aprender a jogar o mesmo handebol que é jogado pelos adultos ou pelas categorias júnior e juvenil (que se aproximam mais da fase de especialização esportiva, denominadas respectivamente por Ehret et al.,⁸ (p. 5) como “treinamento do alto nível de rendimento” e final da fase de “treinamento de formação”). Uma das buscas nessa etapa deverá estar relacionada com a compreensão de aspectos inerentes às modalidades de invasão e oposição, como os problemas relacionados à interação dos jogadores e as pressões de espaço e tempo, bem como os princípios operacionais ofensivos e defensivos.¹⁷

O jogo nessa fase deve levar em consideração a individualidade dos jogadores, nos aspectos biológicos, sociais e psicológicos, principalmente quando são observadas algumas características inerentes aos JCE's, como a imprevisibilidade das situações que são impostas aos jogadores, a interpretação que cada jogador tem dessas situações e mesmo as múltiplas possibilidades de tomadas de decisão.

A imprevisibilidade dos JCE's agrega um fator preponderante, relacionado diretamente com esse, que é o alto grau de complexidade das situações às quais os jogadores estão submetidos e, principalmente, às mais variadas possibilidades que esses jogadores têm para a resolução de tais situações. Esse caráter imprevisível é desconsiderado por muitos professores/técnicos, ao

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 9, n. 2, p. 49-69, maio/ago. 2011.
ISSN: 1983-9030.

adotarem práticas reducionistas para o ensino do handebol, que é caracterizado por sua complexidade. Simplificar tal ensino à execução dos fundamentos, ou à fragmentação do jogo aos seus gestos técnicos significa não aproveitar a capacidade de percepção dos jogadores e as tomadas de decisão sem um caráter crítico.^{14, 18}

As situações apresentadas na fase ofensiva do jogo ocorrem de forma sequencial e encadeada, nas quais se torna necessário, primeiramente, aproximar-se do alvo (gol adversário) com a posse da bola para então buscar a finalização de regiões onde a efetividade possa ser maior. No desenvolvimento das táticas ofensivas há a constante busca pelas situações de superioridade numérica, que dependem de um repertório motor e cognitivo diversificado dos jogadores para tornar as situações cada vez mais favoráveis.¹²

Entendemos, então, que há a necessidade de estimular e desenvolver o pensamento crítico nos jogadores, bem como das inúmeras variações motoras que possam emergir dessas situações, principalmente partindo do pressuposto de que as situações complexas são fonte de reflexão e interpretação do jogo ou, segundo Morin¹⁹ (p.176):

Concebemos a complexidade como o inimigo da ordem e da clareza e, nessas condições, a complexidade aparece como uma procura viciosa da obscuridade. [...] o problema da complexidade é, antes de tudo, o esforço para conceber um incontornável desafio que o real lança a nossa mente.

Sendo assim, para resolver tais tarefas na tentativa de tornar simples o pensamento complexo dos jogadores, são necessários os mais variados tipos de estímulos, e não apenas à fragmentação da modalidade em seus gestos técnicos (fundamentos), como ocorre em modalidades como o atletismo, a natação e a ginástica, nas quais a perfeição do movimento

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 9, n. 2, p. 49-69, maio/ago. 2011.
ISSN: 1983-9030.

pode definir seu resultado final. Tal prática, quando transferida para o handebol (ou outros JCE's), aponta para uma idéia reducionista da complexidade das interações entre os jogadores e das informações a serem apresentadas a esses em relação às situações que lhes são apresentadas, onde o movimento aparece de forma descontextualizada, ou ainda, desconexa em relação à tática.

AS CARACTERÍSTICAS NA CATEGORIA MIRIM

A categoria mirim, em festivais ou competições organizados pela Federação Paulista de Handebol (FPH) e pela Liga de Handebol do Estado de São Paulo (LHESP)¹, apresenta características peculiares quanto à sua regulamentação ao ser comparado com o jogo que é jogado pelas categorias superiores, visando abordar, fundamentalmente, fatores pedagógicos. Algumas das diferenças são: a obrigatoriedade da participação de todos os jogadores e da realização da marcação individual em pelo menos uma das etapas de jogo e a proibição em utilizar sistema defensivo zonal de uma linha (6:0) ou misto (que combina características dos sistemas zonal e individual).

A partir dessas restrições apresentadas por ambas as entidades, porém não únicas, de organização da modalidade no Estado de São Paulo, é possível afirmar que se há uma preocupação com o enfoque pedagógico, que leva à uma dinâmica de jogo diferenciada em

¹ A FPH (<http://fphand.com.br>) e LHESP (<http://lhesp.com.br>) seguem as especificações e normativas propostas pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb). A FPH responde diretamente à CBHb, enquanto a LHESP e outras Ligas têm seu funcionamento independente.

relação às demais categorias, o processo de EAT deve ser adaptado especificamente para as características dessa faixa etária.

Esta faixa etária é denominada por Gallahue e Ozmun²⁰ como pré-pubescência, sendo intermediária entre a fase da infância intermediária/avançada e a fase da pós-pubescência; já para Malina et al.²¹ esse período é considerado o início da adolescência (por volta dos 10 anos de idade). Trata-se de um período marcado pelo início da maturação sexual e pelos fatores relacionados ao crescimento, sendo estes considerados os fatores visíveis do aparecimento da puberdade. Sob influência do genótipo cada indivíduo terá um tempo e uma intensidade no seu crescimento, bem como no desenvolvimento das capacidades físicas.

Algumas características estão sendo estabilizadas nessa etapa, tais como: a percepção de profundidade, a acuidade visual dinâmica, a coordenação visual e motora, que aborda a integração entre as mãos e os olhos para intervenção em um objeto.^{16, 20} Essas características, ou capacidades, devem ser consideradas quando do ensino do handebol para os jogadores nessa etapa, principalmente a partir da variabilidade de estímulos durante as aulas como o tamanho das bolas e as dimensões da quadra.

Com base nas informações trazidas pelos autores das áreas do Ensino do Handebol, da Pedagogia do Esporte e do Desenvolvimento Humano, pudemos identificar características no processo de EAT para essa categoria que são de cunho geral, que visam o desenvolvimento dos jogadores para qualquer JCE, e de cunho específico, como os elementos específicos do handebol. No Quadro 1 estão representadas as características gerais e específicas relevantes ao processo de EAT nessa fase.

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 9, n. 2, p. 49-69, maio/ago. 2011.
ISSN: 1983-9030.

Quadro 1 - Características gerais e específicas (do handebol) a serem atingidas no processo de EAT da categoria mirim

CARACTERÍSTICAS GERAIS	CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DO HANDEBOL
Repertórios de pequenos jogos	Melhora da coordenação “recepção-arremesso”
Enfatizar a variabilidade técnica, ou de execução de movimentos	Utilizar formas variadas de marcação individual
Formação multifacetada/geral	Priorizar alguns elementos técnico-táticos (individuais e coletivos, ofensivos e defensivos), como o desmarque, o passa e vai, as mudanças de direção das trajetórias entre outros.
Evitar o treinamento especializado	Controle da bola
Exercícios de coordenação	Precisão dos passes em distâncias acessíveis (sem e com oposição)
Oferecimento de festivais e torneios	Progressão em posse da bola
Competições multidisciplinares e esportes de lazer	Dispersão equilibrada dos jogadores no espaço da quadra, relacionada com a distância do passe e a posição da bola
Incentivar a motivação das crianças pelo handebol, principalmente a partir de um variado processo de treinamento	Consciência das noções enquanto atacante e defensor
Praticar a modalidade de forma saudável	
Participação diária de atividades esportivas	

Diante do número de elementos e das suas inúmeras combinações durante um jogo de handebol, entendemos que este é dotado de uma complexidade que deve ser agregada ao processo de EAT desde os primeiros contatos dos jogadores com a modalidade.

Com base nas características gerais apresentadas no Quadro 1, sugere-se que o jogo seja ensinado de forma a não especializar precocemente os jogadores, seja por posições específicas ou mesmo por funções (atacantes ou defensores apenas) específicas. Dessa forma, a ênfase poderá ser em atividades com grande variabilidade de estímulos e que sejam desafiadoras, prazerosas e motivantes, garantindo a prática de forma saudável e contínua, além de contemplar as características inerentes ao handebol também descritas no Quadro 1.

Associando as informações do Quadro 1 com a complexidade referente ao jogo, percebemos que adotar práticas reducionistas de ensino, como a busca apenas da maestria técnica e perfeita execução dos gestos inerentes ao handebol, pode transmitir aos jogadores uma falsa impressão das interações entre companheiros e adversários durante o jogo propriamente dito.

Essa característica de ensino da técnica é central no método analítico ou parcial do ensino dos JCE's. Nesta pesquisa chamaremos atenção para duas metodologias de ensino dos JCE's, não relacionadas com o método parcial, que são: o método global e o método situacional, que são centrados respectivamente nos jogos e nas situações provenientes de diversas interações entre os jogadores para o ensino dos fatores técnico-táticos do jogo.

O método global, de acordo com Reis,¹ quando aplicado ao ensino dos JCE, inicia-se com jogos reduzidos e adaptados, que são formas simplificadas e com regras adaptadas do jogo formal a ser ensinado, até atingir o jogo formal, com suas regras, no seu espaço, número de participantes e tempo pré-estabelecidos por cada modalidade. A principal idéia desse método é a de que se aprenda a jogar jogando.^{1,3}

O jogo não é dividido em partes como no método analítico ou parcial, sendo priorizada a integração entre os elementos técnico-táticos da modalidade. Os níveis de dificuldade vão sendo ajustados conforme o desenvolvimento dos jogadores, integrados com as regras que cada vez mais se aproximam do jogo formal, com as atividades respeitando as estruturas básicas, valorizando o ensino da lógica do jogo.

No método situacional o jogador deve inter-relacionar capacidades técnicas, táticas e cognitivas na busca de soluções para tarefas-problemas. Para Greco⁶ é possível desenvolver suas capacidades técnicas (“como fazer”) paralelamente às capacidades táticas (“o que fazer”, “quando fazer” e “porque fazer”). O método é baseado em situações extraídas do jogo formal, e embora não possuam sempre a idéia do jogo formal, busca atingir seu elemento central, como o arremesso no handebol, por exemplo.

Nesse método o jogador constrói o jogo a partir de sua realidade, e aos poucos vai compreendendo e dominando as exigências técnico-táticas que os jogos esportivos apresentam. O jogador desenvolve a técnica durante os jogos situacionais, que retratam as situações com as quais os jogadores se deparam (como o 1x0, 2x2, 3x3, 4x4, 3x2, 4x2 entre outros) fazendo com que sejam adotadas essas alternativas táticas para a resolução dos problemas inerentes às situações.

Sendo assim, o handebol é um JCE com fatores complexos envolvidos, decorrentes da interpretação que os jogadores possuem de tais situações e das decisões que esses tomam para a resolução de problemas. Decisões essas que, ao serem tomadas, influenciarão diretamente na interpretação que os companheiros e adversários terão do cenário técnico-tático, podendo provocar mudanças inesperadas nesse.

Pautado nessas características, o processo de EAT do handebol deve considerar aspectos que abordem desde a formação e o desenvolvimento individual do jogador até a formação grupal e

coletiva desses, proporcionadas por atividades que sejam propostas com o objetivo de compreensão, interpretação e avaliação das situações de jogo.

DISCUSSÕES

Atualmente o handebol jogado na categoria mirim obedece à mesma lógica de jogo do handebol jogado na categoria adulta, fato observado durante as competições e festivais regionais, muitas vezes com jogadores especializados em determinadas posições (ou postos específicos) e com um repertório motor limitado, fruto de aulas que contemplam apenas a execução dos gestos técnicos, concebidos a partir do método analítico (ou método parcial, para REIS).²²

Não cabe julgar, ou apontarmos simplesmente, para as metodologias de ensino dos JCE's "boa" ou "ruim", o que nos remeteria à, na visão de Morin¹⁹ (p.16) sobre as ciências e as novas descobertas que os métodos proporcionam, "dispor de pensamento de conceber e de compreender a ambivalência, isto é, a complexidade intrínseca que se encontra no cerne da ciência", entendendo que o conhecimento de tais metodologias são extremamente relevantes. Mas cabe apontar para os aspectos dessas metodologias que possam, nessa fase do processo de EAT, auxiliar no desenvolvimento do senso crítico-reflexivo dos jogadores quanto à percepção da situação de jogo e à tomada de decisão apropriada, ou para que busquem resolver de forma eficaz determinada situação-problema.

A iniciação deve possibilitar aos jogadores a melhoria da capacidade e da compreensão do handebol como uma modalidade coletiva, contemplando as características citadas por Garganta⁵ quanto aos indicadores de um jogo com bom ou fraco nível. Deve ser objetivado nesta etapa um aprendizado que permita identificar alterações relevantes quanto à transição das características do jogo, visando a alteração do cenário desse jogo do caráter “anárquico” (com grande verbalização dos jogadores e aglutinação em torno da bola) para o caráter “descentrado” (colocar algumas características).

Torna-se necessário, portanto, submeter os jogadores a atividades desafiadoras e prazerosas que, em seus diferentes níveis de exigência e complexidade, considerem tanto os aspectos relacionados à aprendizagem motora (que para SHUMWAY-COOK; WOOLLACOTT²³ é definida como a aquisição e/ou modificação dos movimentos) como os aspectos da aprendizagem cognitiva. A aplicação de jogos que propiciem aos jogadores vivenciar mudanças no cenário técnico-tático provocadas por seus companheiros e por seus possíveis adversários objetiva, primariamente, a tentativa de resolução de situações-problema com as quais esses podem se deparar futuramente. Entendemos também que a variabilidade das situações de jogo com as quais os jogadores se deparam possa influenciar em processos como a percepção desses diante do que lhes é exposto, bem como de suas possibilidades de ação. Dessa forma, jogos ou situações de jogo que abordem as desigualdades numéricas (como o 4x3, o 6x5, ou quando temos um jogo sendo aplicado com um número maior de jogadores de uma turma, tal como o 10x9 ou o 9x8, por exemplo) ou as igualdades numéricas tornam-se importantes meios para a formação do pensamento tático dos jogadores. Atenta-se, ainda, para a importância do caráter lúdico, o qual Antón¹⁹ (p. 58) explana que há a obrigação da escolha, **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 9, n. 2, p. 49-69, maio/ago. 2011. ISSN: 1983-9030.

pelo educador, de “situações pedagógicas que estimulem a necessidade de diversão da criança utilizando elementos constituintes da estrutura do handebol”.

Essas possibilidades de variações terão as características do jogo como fatores conflitantes aos jogadores, tais como as pressões de espaço, de tempo e do posicionamento dos adversários e dos companheiros. Sendo assim, a necessidade de reflexão sobre as decisões tomadas pelos jogadores torna-se iminente, principalmente como ferramenta de avaliação da compreensão que esses têm em relação à situação-problema apresentada e à dinâmica do jogo.

A lógica interna do jogo¹⁵ deve ocupar posição central no processo de EAT relacionado à essa fase, pois trata da integração entre os aspectos que regulamentam a modalidade e o desenvolvimento das tomadas de decisão dos jogadores e do rol de ações e integrações entre esses. Sendo assim, entende-se que o handebol deva ser ensinado de forma ampla, tendo o processo baseado no ensino de jogos que proporcionem aos jogadores atuar de forma crítica nos cenários técnico-táticos que forem apresentados. Tal ênfase nos jogos deve considerar o desenvolvimento de competências globais (e, portanto, transferíveis a outras modalidades), o desenvolvimento de competências específicas ao handebol (que estão relacionadas com a compreensão do jogo e as possibilidades de intervenção) e, como consequência, o desenvolvimento das capacidades físicas dos jogadores.

Na categoria mirim podem ser utilizadas algumas estratégias no processo de EAT semelhantes às apresentadas por Menezes²⁴ para a categoria cadete, como o aumento ou redução do número

de jogadores e do espaço da quadra, além dos tipos de tarefas motoras, como fazer o ponto com uma mão apenas, com as duas mãos, com os dois pés, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iniciação esportiva, em particular do handebol que é o foco desta pesquisa, é entendida aqui como uma etapa de promoção de estímulos variados para os jogadores, porém não visando uma possível especialização desses na modalidade e, conseqüentemente, sem especializá-los em posições específicas na quadra de jogo (postos específicos).

A preocupação central é proporcionar aos jogadores uma prática prazerosa e motivante que, ao mesmo tempo, objetive um desenvolvimento cognitivo a partir da compreensão das estruturas do jogo e do desenvolvimento das lógicas associadas à defesa e ao ataque. Essa preocupação, além de estar embasada em conceitos teóricos e empíricos, obtidos a partir do *feedback* dos jogadores durante as aulas, relaciona-se com a melhor forma de promover o processo de EAT do handebol de forma útil e funcional.²⁵

Coerentemente, as atividades envolvidas nesse processo devem apresentar como objetivo central a dinâmica do jogo de handebol, principalmente nas questões que envolvem as relações entre atacantes e defensores, nas diferentes fases do jogo (ofensiva, defensiva e suas respectivas transições).

A priorização por métodos de ensinos dos JCE's que se apropriam dos jogos como ferramenta pedagógica apresentam como questões relevantes os benefícios que cerceiam a integração e relação social entre os jogadores, assim como os benefícios cognitivos provenientes da necessidade de resolução de problemas de ordem técnico-tática. Em contrapartida, métodos que se apropriam apenas da repetição dos gestos técnicos tendem a não considerar a complexidade envolvida no cenário técnico-tático do jogo, o que pode prejudicar o senso crítico-reflexivo dos jogadores diante das situações do jogo.

REFERÊNCIAS

¹ REIS, H. H. B. **O ensino dos jogos coletivos esportivizados na escola**. 1994. 75 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação Física e Desporto, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1994.

² GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J. Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. (Ed.). **Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos**. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1996. p.7-24.

³ GRECO, P. J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. **Temas atuais VI em Educação Física e esportes**. Belo Horizonte: Saúde, 2001. p. 48-72.

⁴ MOURA, C. C. et al. Pedagogia do esporte: a importância da utilização da situação problema no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. **Educação Física em Revista**, v. 2, n. 1, p. 1-5, 2008.

⁵ MENEZES, R. P. **Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol**: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real. 2011. 302 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

⁶ GARGANTA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.

⁷ GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal I**: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

⁸ BAYER, C. **Técnica del balonmano**: la formación del jugador. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1987.

⁹ EHRET, A. et al. **Manual de handebol**: treinamento de base para crianças e adolescentes. São Paulo: Phorte, 2002.

¹⁰ ROMÁN, J. D. **Iniciación al balonmano**: manuales para la enseñanza. Madrid: Gymnos, 2004.

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 9, n. 2, p. 49-69, maio/ago. 2011. ISSN: 1983-9030.

¹¹ NÉ, R.; BONNEFOY, G.; LAHUPPE, H. **Enseñar balonmano para jugar en equipo.**

Barcelona: INDE, 2000.

¹² GRECO, P. J. La formación de jugadores inteligentes. **Revista Stadium**, Belo Horizonte, v.

26, p. 22-30, 1992.

¹³ LASIERRA, G.; PONZ, J. M.; ANDRES, F. **1013 ejercicios y juegos aplicados al**

balonmano. 4. ed. Barcelona: Paidotribo, 2005. 2v.

¹⁴ SANTANA, W. C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R. R.;

BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas.** Rio de Janeiro: Guanabara

Koogan, 2005. p. 1-22.

¹⁵ GARGANTA, J. **O ensino dos jogos desportivos.** Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.

¹⁶ ANTÓN, J. L. **Balonmano: fundamentos y etapas de aprendizaje.** Madrid: Gymnos, 1990.

¹⁷ BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos.** Lisboa: Dinalivros, 1994.

¹⁸ REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009.

¹⁹ MORIN, E. **Ciência com consciência.** 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 9, n. 2, p. 49-69, maio/ago. 2011.
ISSN: 1983-9030.

²⁰ GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2003.

²¹ MALINA, R. M.; BOUCHARD, C. B.; BAR-OR, O. **Crescimento, maturação e atividade física**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2009.

²² REIS, H. H. B. O ensino do handebol utilizando-se do método parcial. **Lectures Educación Física y Deportes**, ano 10, n. 93, feb. 2006. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd93/handebol.htm>. Acesso em: 13 jan. 2010.

²³ SHUMWAY-COOK, A.; WOOLLACOTT, M. H. **Controle motor**: teoria e aplicações práticas. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.

²⁴ MENEZES, R. P. O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. **Pensar a Prática**, v.13, n.1, p.1-16, 2010.

²⁵ ROS, V. L.; OLIVA, F. J. C. La enseñanza integrada técnico-táctica de los deportes en edad escolar. **Apunts**, n.79, p.40-48, 2005.